

Uma última lição com quatro lições para a vida

Aula jubilar Maria Manuel Leitão Marques, catedrática da UC, partilhou o que aprendeu na FEUC e falou do que a preocupa enquanto eurodeputada

Maria Manuel Leitão Marques, catedrática da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) proferiu ontem a última aula, de jubilação, partilhando quatro lições aprendidas na vida académica e que se tornaram ferramentas relevantes no percurso de vida, como docente, investigadora ou em funções políticas.

Licenciada em Direito e doutorada em Economia, a hoje eurodeputada começou por ser monitora da FEUC, faculdade que dava então os primeiros passos. Catedrática desde 2003, investigadora do Centro de Estudos Sociais, membro de órgãos de gestão e científicos, resumiu em quatro lições o que aprendeu na FEUC, antes de dissertar sobre questões de «futuro» que preocupam e estão na agenda da União Europeia, como é o caso da transição digital.

Perante um auditório da FEUC praticamente repleto, Maria Manuel Leitão Marques disse que a «primeira lição» foi reconhecer que «as instituições são feitas de pessoas e dependem muito delas». Outra aprendem



Maria Manuel Leitão Marques proferiu a última lição perante um auditório repleto

dizagem na vida académica prende-se com a «ambição no desenho dos projetos» e o rigor aplicado na sua concretização, sempre com fúscua alta.

A terceira lição está relacionada com o «cruzamento de saberes, a interdisciplinaridade, que, reconheceu, é uma marca da FEUC, mas foi buscá-la a

projetos de investigação no CES. A quarta lição aponta para a necessidade de «atenção ao impacto do trabalho que fazemos, a sua relação com a sociedade», os resultados, disse, ao dar o exemplo de uma investigação que inspirou reformas políticas, no caso na área da justiça.

Transição digital irá comportar mudanças profundamente disruptivas, com impacto na economia, na vida das pessoas e na própria democracia

Depois de partilhar lições que aplicou na vida, falou de colegas e mestres, da sua exigência, e, sem poder falar de todos, mas achando injusto não falar de nenhum, incluiu na aula jubilar os nomes de José Guilherme Xavier de Basto, Joaquim Romero de Magalhães e Boaventura de Sousa Santos.

Opções com riscos

A segunda parte da lição foi dedicada ao presente/futuro, mormente à transição digital e respetiva regulação que, observou, a par da transição climática absorvem grande parte do trabalho legislativo nas instituições europeias. A transição digital não se faz «apenas com mudanças incrementais (...), há mudanças profundamente disruptivas», com impacto na economia, mas também na vida das pessoas e na democracia», perspetivou a eurodeputada, ao prever que a automatização possa vir a afetar 51 bilhões de postos de trabalho.

Depois há a questão da recolha, análise e armazenamento dos dados, que «estão em todo o lado», sejam ou não facilitados voluntariamente. Em 2019, «o valor dos dados era de 325 mil milhões de euros», prevendo-se que em 2025 seja de 550 mil milhões. São uma «enorme oportunidade», mas também comportam riscos de utilização indevida.

Ao dar o exemplo do potencial dos dados, a ex-ministra da Presidência e da Modernização Administrativa, ainda

o rosto do Simplex, referiu os ganhos em oncologia, que a partir de estatística consegue identificar qual o melhor tratamento para determinado paciente.

Ou seja, a regulação terá de procurar o equilíbrio entre a proteção das pessoas e a valorização do recurso, saber onde termina o interesse individual e o interesse coletivo. A regulação na União Europeia «é incontornável», mas com muitos dilemas, expressou. Das palavras da catedrática depreende-se que até a competitividade internacional está em jogo, com países que optam por outras regras e outros, porventura, nunca as terão.

Na UE, os instrumentos da legislação serão “a proibição”, “a antecipação e a prevenção” e “a transparência da informação”. Mas todas as opções «têm riscos», assumiu, deixando prever que será valorizada a experimentação, algo que nem faz parte do Direito.

«Estamos a iniciar o caminho de aprovação da regulação, mas quando chegar ao fim já haverá novos desafios», vaticinou, na conclusão da aula.

A cerimónia, que contou com intervenções de Álvaro Garrido, diretor da FEUC, e do reitor da UC, Amílcar Falcão, integrou um debate entre Maria Manuel Leitão Marques e Mário Campolargo, secretário de Estado da Digitalização e da Modernização Administrativa, sobre “Transições Digital, Cidadania e Políticas Públicas”. ◀